

Fernando Pessoa

## O SEBASTIANISMO — SUA RENASCENÇA

### O SEBASTIANISMO — SUA RENASCENÇA

1. Uma religião é um fenómeno ligador de almas, porque é qualquer coisa que elas têm de comum; é um fenómeno imaginativo; é um fenómeno de autoridade. É, assim, um critério moral tanto como metafísico, estético tanto como político.

2. Uma religião é socialmente útil quando se aproxima de preencher três condições: (1) ser nacional, isto é, diferente das religiões dos outros países, porque assim apoia-se no patriotismo, o mais radical dos sentimentos sociais, e ao mesmo tempo intensifica-o; (2) ser popular, isto é, quanto possível saída não se sabe donde, formada não se sabe como; (3) ser quanto possível susceptível de evolução e adaptação.

Isto ao contrário da arte: A arte é (1) internacional; (2) é antipopular; (3) é insusceptível de progresso salvo por substituição (ex.).

3. Em Portugal haverá qualquer fenómeno religioso sobre o qual possamos assentar as bases de uma vida nova? Toda a pretensão de uma Renascença na vida nacional que não assente em bases religiosas cairá, pela base, que, a não ser essa, não será nenhuma.

Há primeiro o Catolicismo. Mas o catolicismo principia por ser estrangeiro. Por isso une falsamente o povo, une-o: (1) a um potentado temporal estrangeiro; (2) une-o a outros povos, isto é, desnacionaliza-o; (3) [...]

Além disso o catolicismo tem fortes elementos antipopulares; a única coisa que ele tem de popular é ser a crença tradicional do povo, mais nada. É, de resto, um sistema complexo de metafísica, mais hábil do que decente religiosamente, de uma moral forçada e doentia, e de uma estética superficial, ao passo que a estética religiosa deve buscar afectar o espírito (para a estética exterior, uma feira basta).

O catolicismo, mais, é dificilmente susceptível de evolução.

Temos nós outro fenómeno religioso?

s. d.

**Sobre Portugal — Introdução ao Problema Nacional.** Fernando Pessoa (Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução organizada por Joel Serrão.) Lisboa: Ática, 1979: 66.